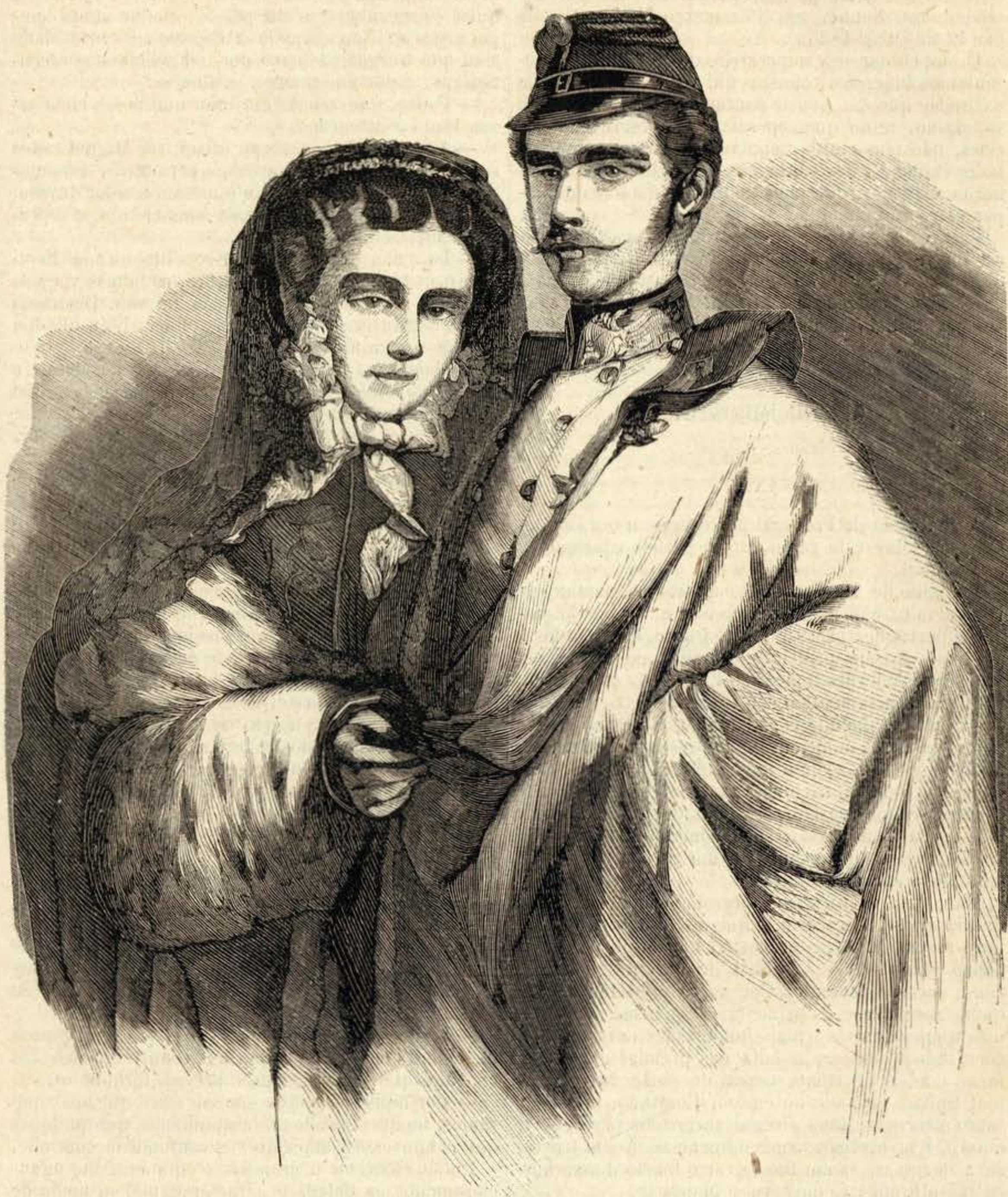


Actuaes imperadores d'Austria. — Gravura de Coelho.

A revolução europea de 1848 abalou o throno austriaco, e a impopularidade do imperador Fernando I compelliu-o a passar á vida privada, abdicando a coroa, pelo manifesto de 2 de dezembro do mesmo anno, em seu sobrinho Francisco José I, que apenas chegára á edade de reinar.

O archiduque Francisco, irmão immediato de Fernando, e pae do actual imperador, era o chamado ao throno na ordem da hereditariedade. Entretanto a natural indifferença do seu caracter pelas cousas publicas, e sobre tudo a indisposição que havia entre a opinião e a perigosa ambição de sua mulher a archiduqueza Sophia, filha do fallecido rei de Baviera Maximiano José, o obrigaram a um acto de renuncia á successão do throno, em favor de seu filho o imperador actual, no mesmo dia em que seu irmão Fernando abdicava.

O novo imperador Francisco José nasceu em 18 d'agosto 1830, foi declarado maior no 1.º de dezembro 1848, succedeu no throno pela abdicação de seu tio no dia immediato, e casou em 24 d'abril 1854 com a duqueza em Baviera Isabel Amelia Eugenia,

nascida em 24 de dezembro 1837, filha de Maximiano José, duque em Baviera, ramo ducal da casa reinante, antigamente conhecido por palatino das Duas-Pontes-Birkenfeld.

D'este consorcio já nasceram duas filhas; as archiduquezas Sophia, em 5 de março 1855, e Gisella em 12 de julho 1856.

O imperador e a imperatriz, cujos retratos apresentamos hoje, são tomados em traje de viagem, na excursão que ha pouco fizeram ao reino lombardo veneziano, reino que, apesar do que escrevem parciaes, não tem muito a applaudir-se, nem outros estados italianos, das vantagens produzidas pela dominação austriaca, que mais dia menos dia hão de romper estrepitosamente.

Francisco José além de imperador d'Austria é mais rei da Hungria e da Bohemia, rei da Lombardia e de Veneza, da Dalmacia, da Croacia, da Esclavonia, da Galicia, Lodoméria e Illyria. É tambem grande-voivota da Servia, archiduque d'Austria, etc.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

IX.

A conquista de Portugal por Filippe II e a sua dominação sobre este reino era o pesadelo continuo de frei Miguel.

Na falta de D. Sebastião, affecto ao partido de D. Antonio, não podia resignar-se a ver que o diadema portuguez ornasse outra fronte, que não fosse progenie de seus principes. Desanimado com os revezes que padecêra o prior do Crato, não ousava tentar nada directamente a seu favor; mas parecêra-lhe que a voz geralmente espalhada de que D. Sebastião ainda vivia, era sufficientissimo pretexto para incommodar e desassocegar o dominador castelhano, concitar uma reacção nacional, que se lhe afigurava não esperar senão occasião para apparecer, e talvez sair com o seu plano victorioso, reconquistando para um D. Sebastião, morto ou vivo, um throno, e para D. Antonio a successão d'elle.

Mas, para completar os personagens de que o seu drama arriscado carecia, é que ainda faltava uma figura essencial. A pessoa do rei encoberto não era a menos interessante e difficil de encontrar. Procurou-a incessantemente. Por vezes creu ter achado quem satisfizesse ás primeiras exigencias do papel; mas quando entrava mais fundo pelas outras condições indispensaveis, a falta das prendas exigidas o fazia mudar de rumo, e pôr de parte os que tão mal tinham provado no ensaio. Comtudo, depois de tanto procurar, uma circumstancia feliz pareceu vir em 1594 favorecer as suas diligencias. A sua travessura imaginosa ia em fim lograr o fructo d'uma busca tão aturada! Como? Vel-o-hemos já.

Havia quatro mezes que viera estabelecer-se na villa de Madrigal, com uma pastelaria, um desconhecido, que ainda que de ordinario e commum trajar, manifestava finura nas maneiras, algum talento e instrucção, e certa compostura e gravidade no seu continente e palavras, que revelavam alguma cousa mais que o seu traje. Ainda que fazia profissão de pasteleiro, não parecia ser isso senão pretexto, porque raramente, ou talvez nunca, o vissem trabalhar. Vendia pasteis de modo que a nenhum outro dariam senão perda, e apesar d'isso tratava-se com decencia. Era de porte reservado. Em Madrigal ninguem o conhecia, ninguem tinha com elle intimidade, nem o procurava. Frei Miguel, que n'estes quatro mezes o observára com attenção, escolheu-o como o mais a proposito para a sua empreza, e determinou tratar Gabriel de Espinosa, que assim se dizia o pasteleiro, e lhe chamavam todos. Um dia dirigiu-se-lhe a casa. Saudaram-se. O frade parou de repente, affectando ar de surpreza, olhando-o com escrupulo, e como se quizesse reconhecer n'elle pessoa, que ha muito tempo não via. Não escapou a Espinosa a curiosidade com que o frade passeava por todo elle vistas escrutadoras, e por fim rompeu o silencio:

— Padre, que achaes em mim que possa chamar-vos tanto a attenção?

— A disposição do corpo (dizia frei Miguel entre si, como se não tivera ouvido a pergunta), seus modos, a falla, o olhar, é tudo o mesmo não ha duvida. Parece no rosto alguma cousa mais enxuto, e representa mais alguma edade....

— Isso não deve estranhar-se (lhe tornou Espinosa): os trabalhos, as cavillações, as longas viagens por mar e terra não se passam em vão. Destroem muito a natureza e adiantam a velhice. E eu que hei soffrido e caminhado tanto!

— Mais me confirma isso em minhas suspeitas, e dissipa as minhas duvidas. Ninguem me negará que sois D. Sebastião.

— Gabriel, que não Sebastião, para vos servir (tornou o pasteleiro).

— Senhor (replicou frei Miguel com accento de profunda convicção), escusada é a dissimulação. Bem sabeis que tratei de mui perto toda a real familia, e por muito que vos tenham os trabalhos desfigurado não deixei de reconhecer-vos. Sois D. Sebastião, rei de Portugal, e não me engano. Creram-vos morto em Africa, mas eu bem sabia que não era assim, e o ceo me concede a dita de beijar vossa real mão.

E dizendo, e fazendo, o frade curvava o joelho sobre a terra e queria tomar a mão de Espinosa para beijal-a. O pasteleiro perplexo não sabia que responder. Assistia a uma farça, ou estava diante de um louco? As palavras do frade, entretanto, affectavam um tal cunho de convicção, a seriedade de que se revestia era tal, que o suppoz equivocado de boa fé, e disse-lhe sorrindo:

— Vamos, padre, que representaes o papel tão ao vivo, que quasi eu proprio me illudia. Levantae-vos, e acabemos já com este fingimento, que bem sabeis que não sou D. Sebastião.

— Por Santo Agostinho (tornou o frade) não m'o negueis! Quer Deus que se acabe já a vossa peregrinação, e que torneis a occupar o throno. Os portuguezes o desejam ardentemente: tempo é já de olhar pela sua felicidade.

— Juro-vos que não sou tal rei (disse Espinosa meio formalisado) e já vejo n'isto um entremez tão ridiculo, que vos digo que é preciso terminal-o.

— Por minha fé que se não sois o rei, que nós esperamos, tendes com elle tanta similhança, que qualquer que o houvesse conhecido vos confundiria com elle.

Então começou o eremita a enumerar-lhe minuciosamente os dotes, o caracter genial, o modo de fallar, e demais circunstancias em que se parecia com D. Sebastião. A precisão com que o fazia, e as boas razões que juntava, pozeram Espinosa em embaraço. Se não ficou inteiramente persuadido da sua completa similhança com o rei, teve ao menos para si que se lhe parecia extraordinariamente. Depois d'este dialogo versou a conversação sobre estranhos assumptos, no que o frade pôde conhecer até onde chegava o pasteleiro, para aproveital-o mais facilmente na sua empreza.

Procurou sobre tudo inspirar-lhe grande amizade e confiança, e retirou-se depois, deixando Espinosa desconfiado a respeito da sua visita e conversação.

Frei Miguel tinha em fim reconhecido sufficientemente o terreno em que devia manobrar. Tornou a

ver D. Anna, que lhe perguntou se obtivera mais noticias a respeito d'el-rei. Respondeu-lhe que as cousas se apresentavam debaixo de bom aspecto, e que talvez não tardaria muito que lhe désse o prazer de vêl-o.

Ainda, sem se ter assegurado de Espinosa, não quiz dizer-lhe que estava em Madrigal, occulto debaixo do disfarce de pasteleiro. Cada dia fingia uma noticia, referia uma das cousas que haviam succedido a D. Sebastião, e confirmava que mui depressa o veriam. Assim trazia a innocente senhora tão persuadida que, como ella mesma confessou, depois da fé nada lhe era mais certo.

Entretanto frei Miguel visitava o pasteleiro com frequencia, e quando já o encontrou disposto, como se a similhança, que entre elle e D. Sebastião encontrava, suggerisse a idéa, lhe disse:

— Ainda que o occultaes sois homem nobre, disposto a grandes emprezas, e digno de cingir uma coroa. Já sabeis quão acreditada correu em Portugal a noticia de que D. Sebastião não morrêra em Africa. A vossa similhança com elle nos abre campo a uma combinação, em que nada aventuraes, antes podeis ganhar muito. Tenho muito prestigio em Portugal. Farei correr a voz de que el-rei vive e vae brevemente apresentar-se ao seu povo. Escreverei aos meus amigos: farei que enviem pessoas da sua confiança para vos reconhecerem, e se elles se enganam, como eu me enganei, o que não duvido, corroborarão a noticia, fal-a-hão indubitavel como testimunhas de vista, e quando tudo esteja disposto não tereis mais que apresentar-vos, e occupar o throno entre as acclamações dos povos. Depois, quem se atreveria a desfazer este erro? Contamos além d'isso com um auxiliar poderoso. D. Anna d'Austria, a filha de D. João d'Austria, religiosa professa no mosteiro d'esta villa, nos favorecerá sem duvida, porque persuadida intimamente de que el-rei vive, quando vos apresenteis vos reconhecerá como tal. Nada pois arriscaes em fazer o papel de rei com uma senhora innocente, incapaz de crer que a enganam, e ainda mais diante de poucas pessoas. Se se apresentasse alguma difficuldade insuperavel, nada perderiamos em abandonar a empreza, muito mais estando ausentes de Portugal. Decidi-vos. Comecemos a obra de commum acordo. Instruir-vos-hei em todos os segredos d'el-rei. Aprendereis até muitas de suas mesmas palavras. Sabereis suas inclinações; tereis em fim todos os meios de convencer quantos podessem duvidar da identidade da pessoa.

Depois d'ouvir este tão estranho convite, o pasteleiro ficou algum tempo entre admirado e duvidoso. O brilhante papel, que lhe propunham representar fascinava-o! Estimulado pela ambição de occupar um throno, (que tinha elle espirito que désse para isso) e convencido pelas apparentes razões compostas pela astucia do frade, abraçou o partido que lhe propunha, e de commum acordo começaram a dispor quanto ao seu plano podia convir. Os primeiros dias foram empregados em instruir-se Espinosa na historia de D. Sebastião, em todas as anecdotas que d'elle se tinham contado, e em tudo o que podia convir a represental-o com mais propriedade, principalmente com D. Anna d'Austria, primeira pessoa por onde o ensaio devia começar. Ao mesmo tempo frei Miguel ia preparando o animo da ingenua religiosa para a primeira entrevista. N'um dos dias em que lhe perguntou se havia tido noticias d'el-rei, lhe disse:

— Senhora tenho-as tão boas, que ainda não ha uma hora que me separei d'elle. Está bom e com muitissimos desejos de fallar-vos, ainda que não está resolvido a descobrir-se.

— Como! fallastes-lhe? (tornou D. Anna com emoção) É possivel que esteja em Madrigal?

— Ha quatro mezes que aqui está debaixo d'um traje e condição bem humildes; mas tinha-me ordenado que nada vos dissesse, até que o andamento dos seus negocios o permittisse.

— Ah! se eu podesse sair d'aqui! Com que prazer voaria á sua presença e lhe offereceria meus respeitos! Mas vós lhe pedireis que venha, não é assim?

— Já tinha prevenido vossos desejos, e creio que vos visitará (respondeu o frade). Mas o rigoroso incognito que observa.... o traje....

— Que não se prenda n'isso. Não busco o traje mas a pessoa.

— É que devo advertir-vos, que se apresentou em Madrigal como pasteleiro, estabeleceu pastelaria, trabalha ás vezes para disfarçar, e em quanto permanecer aqui tem que conservar o traje correspondente ao seu officio. D'outro modo chamaria a attenção, e o mundo é tão malicioso que....

— Sim, acredito-o. Mas assegurae-lhe, que não importa que eu o veja assim vestido. Dizei-me, virá cedo?

— Ainda que os seus negocios pouquissimo tempo lhe deixam livre, procurarei que sua magestade não vos retarde o cumprimento de tão justo desejo. Sabei porém que esta esperança vol-a dou sem seu consentimento, e ainda que venha visitar-vos procurará disfarçar e se apresentará e conduzirá, não como quem é, mas como quem parece ser, porque teme muito declarar-se, antes que seus negocios estejam como convem.

— Não importa (tornou a sobrinha de Filippe II): em estando na minha presença eu o descobrirei e minhas palavras lhe inspirarão confiança.

Depois d'isto a conversação entre o vigario e a confessada pouco mais se estendeu. Frei Miguel tinha pressa de sair d'alli, e achou meio de terminar e despedir-se. O frade exultava! Nem o traje nem a condição humilde do seu novo rei tinham feito vacillar D. Anna. Correu a dar esta noticia a Espinosa. Determinaram entre si dia e modo da entrevista, recordando o religioso ao pasteleiro todas as circunstancias que em suas conversações havia ponderado a D. Anna, para que estivesse bem apercebido para qualquer pergunta. A verdade é que Espinosa não necessitava de muitas prevenções, porque tinha talento, e era naturalmente mysterioso, reservado, e enfatico nas palavras. Ao frade porém, é que nada esquecia. Prevenia tudo, e nem a minima circunstancia que fosse util, se não para o presente para o futuro ao menos, queria omittir.

(Continúa).

GALILEO.

Os manuscriptos de Galileo foram por muito tempo como se não existissem: vendidos a peso, andaram servindo de embrulhar manteiga, até que em 1840 o grão duque de Toscana, Leopoldo II, mandou recolher todos os papeis que existiam d'aquelle sabio, e publical-os sob a direcção do professor Eugenio Alberi. Acaba de sair o volume 15.º d'esta preciosa collecção, pela qual se vê que Galileo observou o annel de Jupiter 40 annos antes de Huygers, e que a elle é que pertence a primazia do descobrimento. Cinco volumes d'esta grande obra são todos cheios de escriptos sobre astronomia; cinco de correspondencias, quatro de physica e mathematica; seis de cousas litterarias, e novas observações sobre os satellites de Jupiter, feitas desde 16 de janeiro de 1610, a 19 de novembro de 1619. As cartas de Galileo aos seus amigos são 116, e dos amigos para elle apparecem mais de 500. Galileo era tambem litterato, e de não pouco merito, pois entre os seus escriptos se en-

contram observações e correcções ao *Orlando furioso* de Ariosto. O 4.º volume das obras publicadas contém o processo, as actas, e todo o texto da sentença iniqua fulminada pela inquisição. Galileo é um testimunho bem evidente do que póde a ignorancia supersticiosa. Foi lançado nos carceres do santo-officio, por ter affirmado que a terra se movia, verdade que levaria hoje á casa dos orates quem se atrevesse a negal-a. Galileo não formou theorias derivadas só da sua cabeça, como tantos outros tem feito; espreitou os mysterios da natureza, e foi o interprete da sua voz; revelou a sciencia que recebia directamente dos ceos. Não foi só o movimento da terra que elle descobriu; devemos-lhe o conhecimento das leis da gravidade, a invenção do pendulo, da balança hydrostatica, e do thermometro. Foi elle tambem o constructor do telescopio com que descriminou as manchas do sol, as phases de Venus, os satellites e o annel de Jupiter. Galileo é uma das maiores glorias da Italia; só um seculo depois da sua morte é que se obteve licença para se lhe levantar um monumento em Florença, defronte do de Miguel Angelo. No museu d'aquella cidade se conserva ainda o telescopio de que se elle servia. Galileo nasceu em Pisa no anno de 1564, e morreu no de 1642, tendo 78 de edade.

L.

IBIS.

O passaro ibis só é conhecido no Egypto, e dizem naturalistas, que se deixa morrer á fome, quando o



levam para outra parte. É mui parecido com a cegonha, tendo as pernas altas, o collo mui longo, e o bico curvo. Quando mette o pescoço e a cabeça debaixo das azas, diz Elien que é figura muito parecida a um coração humano. Os egypcios prestaram ao ibis honras divinas; e todo aquelle que o matava, por acaso que fosse, era condemnado á morte. Este culto e este respeito fundavam-se na utilidade do ibis para o Egypto. Na primavera saía da Arabia um numero infinito de serpentes aladas, que vinham cair sobre o Egypto. Então, que de destroços, se não fossem estes passaros, que davam caça ás serpentes, e as destruiam inteiramente! Os ibis tambem faziam crua guerra a lagartas e gafanhotos. A mythologia algumas vezes representa a deusa Isis com cabeça de ibis.

GONDAR.

Capital da Abyssinia, assente sobre montanha elevada, cujo cimo é mui plano, a cidade de Gondar costuma conter em tempo de paz cêrca de dez mil familias. Demora 400 legoas ao sul do Cairo. O palacio do rei, que já foi tido como obra magnifica, pouco inculca hoje. Era uma grande construcção quadrada, de quatro andares, flanqueada por quatro torres, tambem quadradas, cuja vista se estendia para o lado do sul por toda a campina até ao lago Tzana. Incendiado por differentes vezes, o palacio quasi não mostra hoje senão um montão de ruinas. Só os dois primeiros andares são habitados. N'elles ha uma sala de audiencia de mais de cento e vinte pés de comprido.

Diversos monarchas tem feito construir casas á roda do palacio, todas de argila, á moda do paiz, o que fórma um singular contraste com o principal edificio, que foi levantado no reinado de Facilidas por operarios vindos das Indias, e por alguns abyssinios, que aproveitaram mais para a architectura os talentos e lições dos jesuitas, do que para abraçarem a sua religião.

O palacio e todas as casas que o rodeiam estão fechadas por um muro de pedra de 30 pés d'altura. O intervallo entre este muro e as casas é recoberto por um parapeito. Póde d'alli ver-se tudo quanto se passa fóra. Parece que nunca teve aberturas para canhões. Os quatro lados d'este muro tem mais de milha e meia de comprido.

A montanha sobre que se levanta Gondar é cercada por um valle profundo, ao qual se póde descer por tres oppostos desfiladeiros, um ao sul, que conduz ao Dembea, Maitsha, e paiz dos Angows; outro ao noroeste, que leva para o lado do Sennaar, Walkayt, Waldubba, e sobre a montanha de Tebra-Tzaï, isto é, montanha do Sol, ao pé da qual está o iteghé; o terceiro desfiladeiro, em fim, é ao norte, do lado do Woggora, do monte Lamalmon, do Tigre, e do mar Vermelho. A ribeira de Kahha precipita-se da montanha do Sol, atravessa o valle, e passa ao



Cadaveres dos criminosos abandonados nos logares publicos de Gondar.

sul de Gondar, que tambem é contornada ao nor-nordeste pela ribeira de Angrab, que vem de Woggora. Depois estas duas ribeiras reunem-se ao pé da montanha, cêrca de um quarto de milha ao sul da cidade.

Do outro lado da ribeira de Kahha, e defronte de Gondar, está uma cidade habitada por mahometanos, com perto de mil casas. Todos elles são activos e laboriosos, e a maior parte trata das equipagens do rei e dos nobres, tanto quando entram em campanha, como quando voltam d'ella. Levantam e desarmam as tendas com uma facilidade e promptidão admiraveis; conduzem as mulas de carga; formam, em fim, um corpo commandado por officiaes, mas nunca combatem por nenhum partido.

Em Gondar ha um patriarcha dependente do de Alexandria. A unica moeda de que se servem no paiz é o ouro em barra, e o sal rocha em laminas—sal que tiram da montanha Lafta.

O principal supplicio na Abyssinia é a cruz; mas supplicio ainda mais terrivel é ser esfolado vivo, uso barbaro que ainda subsiste alli.

Entre os castigos capitaes que infligem póde contar-se o de arrancar os olhos, com que ordinariamente punem os rebeldes.

Os corpos dos que na Abyssinia são mortos por crime de alta traição, de homicidio ou de violencia, são commumente expostos nas praças publicas, e nas estradas. Mui raramente os enterram. As ruas de Gondar são obstruidas com membros e esqueletos d'estes infelizes. Attrahindo de noite os animaes ferozes, chega por isso a ser perigoso sair de casa.

Este horrivel costume de abandonar nos logares publicos os cadaveres dos criminosos está em pleno vigor em Gondar. Muitas vezes os cães se apoderam de alguns membros, e os arrastam para os pateos e casas, com o fim de os devorar com mais segurança. Tudo isto revolta os estrangeiros, porque é, em verdade, um espectaculo repugnante e hediondo.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

VI.

Um concerto em *Willi's Rooms*.— Os clubs.— *National Gallery*.— Artistas inglezes. — Um pintor portuguez. — A imprensa em Inglaterra.

Os esplendidos *Willis's Rooms* (1) em King Street, onde se dão os celebres bailes de *Almacks*, offerecem repetidas vezes concertos e jantares publicos. Fui convidado a assistir a um concerto diurno em que tocaram piano, harpa e rabeca alguns artistas distinctos, cujos nomes infelizmente me passaram da memoria, accrescendo a esta circunstancia haver-se-me extraviado o nitido programma, que lá se distribuia. A reunião era numerosa e escolhida. A mais religiosa attenção foi prestada aos diversos artistas. O grande salão era guarnecido de bellas columnas, de trabalhosos relevos de estuque, e de profusos doirados. Enormes e magnificos espelhos decoravam o salão immediato. Tudo condizia, tudo respirava grandeza e elegancia n'esta *noble mansion*, (2) que me deu idéa do que são os celebres *clubs* de *Pall Mall*, soberbos palacios, construidos pelos primeiros architectos, onde os subscriptores gozam, a certos respeitos, um serviço de principes. A associação, como e onde quer que a appliquem, produz sempre maravilhas.

Os clubs são uma das instituições mais originaes e admiraveis da opulenta e engenhosa Inglaterra. Quem passar por diante do *Athenaeum Club House* ou do *Reform Club* e observar simplesmente os vestibulos d'estes edificios, cuidará que elles alojam reis ou imperadores. Pois nada d'isto assim é. Estes palacios não chegam mesmo a pertencer a qualquer membro poderoso da aristocracia britannica. Pertencem a varios homens, muitos d'elles medianamente ricos, mas superiormente illustrados, que se associaram para gozarem em commum as commodidades, os prazeres e o luxo, que individualmente excediam as suas forças. Ha clubs para as differentes classes sociaes, mas especialmente para as superiores. Ha-os, tambem, pelo menos em nome, para os membros de certas parcialidades politicas. A admissão dos socios é feita por votação de espheras. Paga-se joia d'entrada e uma subscripção annual destinada a supprir as despezas ordinarias do serviço. As comidas e bebidas são pagas simplesmente pelo preço do custo. Mr. Walker descreve assim as vantagens d'estas associações: (3) «Uma das maiores e mais importantes mudanças modernas é o actual systema dos clubs. As facilidades da vida foram por elles, a muitos respeitos, maravilhosamente augmentadas, entretanto que a despeza diminuiu consideravelmente. A custo de poucas libras por anno gozam-se vantagens que só grandes fortunas poderiam possuir. Vou explicar isto mais claramente por um exemplo particular. O unico club a que pertenço é o do *Athenaeum*, o qual consta de mil e duzentos membros, entre os quaes póde contar-se uma grande parte dos homens mais eminentes do paiz, em cada classe—civil, militar e

(1) Salões de Willis.
(2) Residencia nobre.
(3) Knight's *Cicloepedia of London*, 1851, pag. 807.

ecclesiastica, pares espirituaes e temporaes (noventa e cinco nobres e doze bispos), membros da camara dos communs, homens das profissões scientificas, assim os ligados á sciencia, ás artes e commercio, nos seus principaes ramos, como os distinctos que não pertencem a uma determinada classe. Muitos d'elles encontram-se todos os dias, vivendo com a mesma liberdade, que teriam em suas proprias casas. Por seis guineus (1) annuaes cada socio tem ás suas ordens uma excellente livraria, mappas, jornaes inglezes e estrangeiros, as principaes publicações periodicas, e o necessario para escrever, com supprimento de tudo o que precise. A casa é uma especie de palacio, e é regida com o mesmo cuidado e conforto, como uma habitação particular. Cada socio é um dono, mas sem nenhum dos cuidados do dono. Póde vir quando quizer, e estar ausente o tempo que lhe agradar, sem que as cousas corram mal. Tem ás suas ordens criados attenciosos, sem ter de lhes pagar ou de os dirigir. Póde ter qualquer comida ou bebida que deseje, a toda a hora, e servir-se d'ellas com o aceio e conforto da sua propria casa. Manda justamente o que lhe convem, sem ter de pensar senão em si. N'uma palavra é impossivel suppor um grão maior de liberdade no viver. Os clubs, tanto quanto a minha experiencia o mostra, são favoraveis á economia do tempo. Ha um logar fixo, onde se chegue; tudo é servido com a maior expedição, e não é ordinario ter grande demora á mesa. São, tambem, favoraveis á temperança. Parece que, quando a gente póde regalar-se á sua vontade, e quando tem opportunidade de viver parcamente, raras vezes se cáe em excessos. Por uma conta que conservo das despezas do *Athenaeum* no anno de 1832, deprehende-se que 17.323 jantares custaram, termo medio, a 2 shillings 9¾ dinheiros cada um, (2) e que a quantidade média de vinho para cada pessoa foi uma pequena fracção maior que meio *pint*. (3)»

As bellas-artes são, em geral, mais apreciadas, que nativas da Inglaterra. Afóra a architectura e a gravura, nas quaes os inglezes contam muitos artistas de subido merito, os outros ramos da arte, apenas por excepção e modernamente, tem tido alguns cultores distinctos. É verdade que os quadros de genero de Hogarth e os retratos de sir Joshua Reynolds, as estatuas de Flaxman e as paisagens de Landseer são monumentos de gloria para o paiz de Christovão Wren e de Morghen. Tambem não é menos certo que n'estes ultimos cem annos a pintura ingleza tem feito progressos consideraveis, e esboçado os primeiros e brilhantes lineamentos de uma eschola privativa e nacional. Mas tudo isto está, por ora, bem longe de equiparar-se á fecundidade e ao vigor do genio artistico nas nações de raça latina. As grandes riquezas pittorescas da Inglaterra são, portanto, havidas do continente. É o pincel flamengo e hollandez, e em menor e mais pobre escala o pincel italiano, que ornam os seus museus e os seus palacios. Não tem conto as galerias de pinturas, mais ou menos preciosas, que possuem os estabelecimentos publicos e as casas nobres ou simplesmente ricas. Muitas e mui importantes d'estas collecções, taes como as do duque de Devonshire, de lord Ashburton, de mr. Rogers e outros, não são accessiveis ao publico. Outras estão francas, em certos dias e debaixo de certas formalidades. Fallarei das que pude observar.

A *National Gallery* (4) em Trafalgar Square occupa com a academia real de bellas-artes o prosaico e mesquinho edificio, que expressamente lhe foi des-

(1) Cada guineu vale 21 xelins (4720 réis).
(2) Uns 625 réis.
(3) O *pint* é uma medida equivalente, pouco mais ou menos, ao nosso quartilho.
(4) Galeria nacional.

tinado, e se completou em 1838. Edificio e collecção desdizem, mesmo no conceito dos escriptores inglezes, do grandioso fim que se teve em vista. Por qualquer lado que se considere a chamada «galeria nacional» é inferior ao que se podia e devia esperar de um paiz como a Inglaterra. Todavia, entre os 220 quadros, de que ella se compõe, contam-se alguns de Rafael, Julio Romano, Correggio, Ticiano, Carracci, Rubens, Vandick, Van Eyck, Rembrandt, Dow, Teniers e Cuyp. Notei, principalmente, a «Susanna» de Carracci, typo de formosura e expressão, e uma vista de Veneza, de Canaletto, admiravel pela transparencia e brilho das aguas. O quadro mais celebre d'esta galeria é a «Resurreição de Lazaro» de Sebastião del Piombo, que parece haver sido feito segundo desenhos de Miguel Angelo, em competencia com a inimitavel «Transfiguração» de Rafael (1520). Pertença d'este estabelecimento é a galeria de mr. Vernon, agora collocada em *Malborough House*. Comprehende 155 quadros dos mais distinctos pintóres inglezes do seculo passado e do actual, entre os quaes se comprehendem obras de Hogarth, Wilson, Sainsborough, sir Joshua Reynolds, West, Lawrence, Wilkie, e dos ainda vivos sir C. Eastlake, Landseer, Turner e Roberts. Esta magnifica collecção, que custou a mr. Vernon talvez o melhor de 50.000 libras, foi por elle offerecida ao paiz durante a sua vida. Rasgos taes de patriotismo e de amor pela arte e pela gloria immortalisam um nome, e honram uma nação!

Na exposição da sociedade dos *British Artists* [1] em Suffolk Street, na qual estavam expostas á venda muitas obras de pintura, esculptura, architectura e gravura, admirei um pequeno quadro, cheio de sentimento e de naturalidade, que representava um prisioneiro escossez, despedindo-se de sua mulher. Havia alli algumas preciosas miniaturas sobre marfim. Uma do celebre Thorburn, figurando lady Knatshbulle recostada sobre um sofá, captivava a attenção pela graciosa finura do trabalho, e pela surprehendente belleza do retrato. Outras miniaturas do mesmo genero eram devidas ao mimoso pincel de um compatriota nosso o sr. José Moira, que tem hoje uma reputação feita, e, o que não vale menos, uma lucrativa carreira. Tive o gosto de conhecer este amavel patricio, que honra o nome portuguez na terra classica da opulencia e do bom gosto.

Em nenhum paiz se lê tanto como na Inglaterra. A imprensa ingleza é, exceptuada talvez a allemã, a mais fecunda do mundo. Não ha edade, sexo, classe, seita, partido nem profissão, que não tenha n'ella o seu orgão, livro ou jornal. Desde o gigantesco *Time*, jornal diario e conservador, até ao comesinho *Political Examiner*, jornal semanario e democratico, desde o explendido *London's Illustrated News*, galeria pittoresca dos successos contemporaneos, até ao pequeno *Punch*, pelourinho burlesco dos costumes e da politica, desde o grave *Westminster Quarterly Review* até ao *Juvenile Penny Magazine*, desde as publicações monumentaes de Knight e Albermale até aos ligeiros e graciosos *Tracts* de Chamber, desde as profundas memorias de sociedades scientificas até aos resumidos e populares manuaes, ha leitura, e sôbre tudo leitura util e economica para todos e para tudo. O viajante no seu *wagon*, o cocheiro na sua almofada, o operario na sua officina, a criada de servir na sua cozinha, a mãe de familia no interior da sua casa, a criança nas suas horas de recreio, todos elles tem o seu livrinho especial, familiar, querido, que os acompanha, como amigo inseparavel, em todos os trabalhos ou distracções. A instrucção da mocidade e das classes laboriosas merece particularmente os desvelos da imprensa ingleza. Os principios elementares de sciencia são diariamente expostos debaixo das fórmas mais comprehensiveis, no *The Popular Educater*. Pequenos folhetos e jornaes, com suas historias e figuras, deleitam tambem a imaginação das crianças, despertando-lhes, desde os primeiros annos, o proveitoso gosto da leitura.

[1] Artistas inglezes.

J. FELIX NOGUEIRA.

RUAS DE FERRO

Em Paris já appareceu um projecto para a construcção de caminhos de ferro urbanos; mas o modo por que se meditava leval-os a effeito figura-se inexequivel, porque demanda novas ruas e galerias muito altas, e obras em fim, cujo dispendio já é patente, sem que esteja ainda bem demonstrada a sua utilidade relativa. A mesma idéa chegou tambem á Belgica; mas o que ahi se projecta fazer tem um caracter muito differente do plano de Paris: é uma rua de ferro, sem galerias, sem subterraneos, e adaptada aos altos e baixos da cidade, assim como aos rodeios, voltas e sinuosidades que em todas as cidades ha. O projecto é elaborado por mr. Carton de Wiart, o qual parece querer estabelecer para estas construcções o termo medio entre o viaducto e o *tunnel*. O engenheiro, para melhor formular e fazer comprehender o seu plano, faz lembrar a disposição topographica da cidade, a qual se divide em duas partes, uma plana, que é a cidade baixa, e outra assentada sobre o outeiro que domina o parque.

Ninguem melhor do que mr. Carton de Wiart póde explicar o seu proprio plano; por isso nos parece melhor deixal-o a elle fallar, transcrevendo da sua Memoria a tal respeito as passagens necessarias para intelligencia do objecto. Vejamos o que elle diz:

«Esta disposição nos permittiu apresentar um projecto de rua de ferro, que atravessará Bruxellas por uma parte, e reunirá as estações do norte e do sul, passando por baixo das ruas, que é preciso cortar para se ir d'uma parte a outra. Esta rua de ferro atravessará Bruxellas, como os canaes de Veneza. Póde fazer d'ella uma idéa aproximada quem se collocar na rua da Regencia, sobre a ponte de ferro, e considerar a rua de Ruysbroeck como exclusivamente destinada á passagem dos trens que circulem pelo caminho de ferro.

«Esta rua de ferro comprehende quatro vias, duas das quaes são destinadas ao transito dos comboís, e as outras duas para a entrega das mercadorias nas habitações respectivas em todo o comprimento da rua.

«As duas vias do centro são descobertas; as dos lados correm por baixo de uma galeria com seu terrasso por cima. O terrasso formará um lagedo defronte das casas da rua de ferro, e é estabelecido de modo que concorde com as ruas, por baixo das quaes passa a via ferrea, e terá sufficiente largura para poderem passar os carros. D'este modo a circulação dos comboís fica inteiramente independente da circulação das carruagens e dos peões.

«A rua de ferro terá 19 metros de largura. A parte do terrasso destinada para a passagem das carruagens terá 3 metros de largura, ficando 2 m. 25 para um lagedo feito diante das casas. A circulação das carruagens terá logar n'uma direcção differente sobre cada terrasso. A impossibilidade de circularem as carruagens em ambos os sentidos apresentará pequeno inconveniente por causa da pequena distancia que separa as ruas cruzadas pela rua de ferro. Bastará sempre, quando se quizer mudar a direcção, ir voltar a pequena distancia, á esquina da primeira rua, e nada haveria mais facil, se a distancia fosse

muita, do que lançar uma ponte entre os dois terrassos.

«Uma rua d'este modo feita apresentará sérias vantagens. Em todo o seu comprimento formará um vasto emporio, a que as mercadorias irão parar directamente, evitando os carregamentos e descarregamentos necessarios hoje para transportar as mercadorias á estação, ou d'alli para fóra.

«A carga ou descarga das mercadorias poderá effectuar-se em toda a extenção da rua de Bruxellas, defronte da casa do remettente, ou destinatario, por meio de plataformas estabelecidas dos dois lados da via principal. As mercadorias poderão ser carregadas ou descarregadas na proximidade dos armazens ou officinas dos habitantes dos differentes bairros da cidade, debaixo de alpendres publicos dispostos de distancia em distancia.

«O traçado que indicâmos parte d'um ponto tomado sobre a linha do sul a 500 metros do *boulevard*, e se dirige á direita, quasi defronte da rua do Florista. A linha passa depois successivamente por baixo das ruas do Fleuriste, Rats, Renard, Capucins, Saint Ghistain, Navette, e Brigittines; atravessa portanto o bairro da rua alta em todo o seu comprimento, e na parte onde os terrenos tem menos valor actualmente, e onde as construcções existentes apresentam egualmente menos importancia.

«Da rua dos Brigittines a linha continúa passando por baixo das ruas das Ursulinas, d'Accolay, dos Alexiens, do mercado do queijo, do mercado das hervas, de Montagne, Bouchers, Aremberg, Assaut, e Santa Isabel; atravessa o quartel, depois passa por baixo das ruas des Sables, do Marais (Meyboom) e o *boulevard* botanico.

«D'alli reune-se ao caminho de ferro do norte, na propria estação, depois de ter passado por baixo das ruas das Plantas e de S. Lazaro, e atravessado de nivel a rua do Caminho de Ferro, e a rua de Brabante, e por toda a parte com declives e rampas muito suaves, e das quaes a maior não terá mais de $0^{m},005$ por metro n'uma extensão de 339 metros.

«Da construcção d'uma rua de ferro, unindo as duas estações, e atravessando a cidade em todo o seu comprimento, resultará necessariamente, como consequencia forçada, o estabelecimento de uma estação central. Tem-se respondido já ás objecções que se tinham levantado contra a passagem das locomotivas atravez da cidade; receios inspirados pelo ruido e pelo fumo, são na verdade bem futeis; porém esta mesma apparencia de inconveniente poderia desapparecer, se para o transito da cidade se empregasse uma machina fixa, e se deixassem as locomotivas nas estações actuaes do norte e sul.»

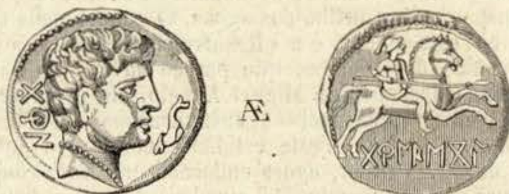
É assim que o engenheiro belga explica a possibilidade de uma rua de ferro, objecto de que os animos se tem ultimamente occupado na Belgica, pois o plano de mr. Carton Wiart não apresenta cousa alguma que não seja muito exequivel. Para levar isto a effeito não é necessario edificar uma nova cidade, nem aeria, nem subterranea; aproveita-se o que já ha feito, e construe-se apenas uma rua de ferro. O engenheiro que fez o plano d'esta obra deu-lhe o titulo modesto de ante-projecto; não quiz apresental-o já como projecto, mas sim como preliminar d'elle. Veremos se a Belgica dá o exemplo de uma rua de ferro ás outras nações, assim como deu o dos caminhos de ferro; pois os d'este paiz constituem a primeira teia de vias-ferreas que se creou, abrangem oito provincias, e hão de servir de continuação e complemento á grande linha de Luxemburgo.

São talvez estes os de que o publico aufere maiores vantagens, pela barateza com que n'elles se transita.

L.

MOEDAS CELTIBERICAS.

As moedas mais antigas que apparecem em Hespanha são as da epocha anterior á dominação romana, conhecidas com o nome de *celtibericas*, que outros denominam ibericas, as quaes representam, em geral, n'um lado um busto sem ornatos, e no reverso uma figura equestre, com lança em riste, como esta:



e algumas vezes duas figuras, com os cavallos a galope, as quaes podem ser, e ainda ha auctores que o affirmam, *Castor* e *Pollux*, ou os *Deuses Cures*, divindades que se suppõe eram adoradas pelos celtiberos, ainda que alguns enthusiastas castelhanos querem ver alli uma representação do genio hespanhol, bellicoso, e arrogante. O fabrico d'estas moedas é commummente bello; e se em verdade são obra dos celtiberos, deve confessar-se que nos tempos em que dominaram a Hespanha estavam mui adiantados nas artes de imitação. É mais razoavel, porém, a opinião dos sabios allemães d'este seculo, e mesmo d'alguns criticos hespanhoes, de que estas moedas fossem cunhadas debaixo da dominação romana, e que as legendas que n'ellas se vêem em caracter de letra, hoje inteiramente desconhecido, sejam escripta symbolica ou convencional, já do paiz, ja de seus dominadores. Sem embargo d'isto o erudito Velazquez creu a cousa de outro modo, e escreveu sobre estas medalhas com mais patriotismo do que verdade. Pelo seu methodo e interpretação, na opinião d'alguns fantastica, é que, á falta de methodos mais claros, se tem classificado n'alguns medalheiros.

Mr. Lorich, ministro da Suecia, que morreu em Madrid em 1855, deixou publicado o primeiro volume da sua magnifica obra sobre estas medalhas; mas, ao passo que fez grande serviço á numismatica com suas eruditas noticias, e principalmente com a publicação das laminas, a sciencia nada adiantou com a sua doutrina de interpretação, que é um sonho extravagante, ou melhor um absurdo. O erudito mr. Boudard, presidente da sociedade archeologica de Bezieres, está publicando um trabalho precioso sobre medalhas celtibericas, e deve ter-se o seu systema como o mais racional de todos os que tem apparecido até agora.

As moedas da colonia grega de Rodas (Rosas, na Catalunha) dão-se a conhecer pelo seguinte typo:



É o que em resumo se póde dizer das medalhas hespanholas anteriores ás que são conhecidas como romanas.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 B.